



A person in a black graduation gown is shown from the waist up, celebrating with their arms raised. They are holding a small 5 Euro banknote in their right hand. The background is a light, neutral color. Several Euro banknotes are floating in the air around the person: a 20 Euro note in the upper left, a 50 Euro note in the upper right, a 20 Euro note in the lower left, and a 50 Euro note in the lower right. The overall scene suggests a celebration of academic achievement, but the floating banknotes and the person's expression of joy imply a connection to the article's theme of academic fraud.

O mundo das fraudes acadêmicas

A praga dos plágios generalizou-se nas nossas universidades. De estudantes a professores, não há inocentes. Quase às claras, copia-se e compram-se teses de mestrado e de doutoramento. A epidemia alastra e os alarmes já soam com estridência – como mostra esta viagem aos segredos das burlas universitárias

POR TERESA CAMPOS TEXTO HÉLDER OLIVEIRA ILUSTRAÇÕES



ALERTA «Está em causa a má preparação para o futuro», diz a professora Aurora Teixeira

A

s vezes, chega apenas uma expressão para deixar um professor intrigado. Umhas pesquisas online acabam por revelar-se suficientes para esclarecer a questão. Depois, puxa-se o fio à meada e descobre-se que o caso não é único. Foi o que aconteceu a Isabel Capelo Gil, 46 anos, diretora da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica de Lisboa. «Passei um verão inteiro a descobrir plágios em trabalhos entregues pelos meus alunos.»

Avaliava os trabalhos de fim de curso e um deles começava assim: «Em 1949, a Armada Vermelha entrou em Pequim.» A professora leu e achou logo que a frase lhe era familiar. Ligou o computador e rapi-

Um site promete apoio na investigação, na construção de índices e sumários, na formatação de tabelas e gráficos e, até, na organização bibliográfica

damente desfez a dúvida, quando encontrou, na net, um artigo do *New York Times*, onde, no arranque, se escrevia: «In 1949, the Red Army...» A alusão era ao Exército Vermelho (de Mao Tsé-Tung) e não à Armada. Já referências do estudante àquele artigo, não havia nenhuma. Pouco depois, acabou por descobrir que não tinha sido apenas este aluno a plagiar.

«Justificaram-se com uma mera ‘falta de tempo’», lembra Isabel Capelo Gil.

«O mais grave é que muitos não pareciam saber que o corta e cola é um crime.» Um plágio, destaca a catedrática, nunca prescreve e, em casos de mestrado e de doutoramento, o título é sempre cassado.

«Uma vez, um trabalho levantou suspeitas de copianço geral e todos tiveram zero», conta, ainda, Isabel Capelo Gil. «Foi dramático: antes de afixar as notas, confrontei-os. Ninguém negou.»

PAÍS DE PLAGIADORES

«Plágio: substantivo masculino, ato ou efeito de plagiar. Imitação ou cópia fraudulenta. Transcrição *ipsis verbis*. Apropriação de ideias de outros.» Foi por tanto se falar de trabalhos comprados e copiados que Aurora Teixeira, 41 anos, docente da Faculdade de Economia da Universidade do Porto, e membro do Observatório de Economia e Gestão de Fraude, se decidiu a estudar a Integridade Académica em Portugal. Os primeiros resultados são catastróficos: 70% dos alunos do ensino superior confessam já ter copiado.

A pesquisa, que abrange um universo de 5 400 estudantes, revela, ainda, que só 2,4% dizem ter sido apanhados a co- ▶

70%

Percentagem dos alunos do ensino superior que confessam já ter copiado, segundo um estudo com um universo de 5 400 estudantes. Na mesma pesquisa, só 2,4% afirmam que foram apanhados a prevaricar.

Fonte: Integridade Académica em Portugal, de Aurora Teixeira



4 A prática do copianço varia na razão direta da falta de controlo pelos docentes'

Ivo Domingues, professor universitário

► piar. Cábulas (46,2%) e olhar para as respostas do colega do lado (55,2%) são os métodos mais usados. «É muito preocupante», avalia Aurora Teixeira. «Está em causa a má preparação para o exercício da profissão.»

Não é voz única. Oiça-se o professor e investigador Ivo Domingues, 53 anos, colega de Aurora Teixeira na Universidade do Minho e autor do estudo *O Co-*

piança na Universidade: o Grau Zero da Qualidade. «A prática do copianço varia na razão direta da falta de controlo pelos docentes», diz. Segundo o especialista, a praga generalizou-se e conta, até ver, com a complacência de pais e da rede educativa. «A fraude escolar é tão antiga quanto os sistemas de aprendizagem. Mas isso obriga, claro, a que se procure uma forma de a prevenir.»

PROFS. QUE (TAMBÉM) COPIAM

Os números revelam, igualmente, parte do outro lado da história: há, por exemplo, uma massificação dos doutoramentos, que triplicaram em duas décadas. Em 1990, eram menos de 400; no final de 2009, contabilizavam-se perto de 1 600.

As novas regras para dar aulas no ensino superior servem de empurrão: desde 2009, é preciso um doutoramento – ou concluí-lo até 2014 – para entrar na carreira universitária.

Mas... e se uma professora plagia para ser doutora? A tese é anulada. Foi o que aconteceu na Universidade do Minho. A doutoranda em causa, Ana Luísa Braga Soares, era docente na Escola Superior de Estudos Industriais e de Gestão, do Instituto Politécnico do Porto. Em dezembro de 2009, prestou provas públicas na Universidade do Minho e foi-lhe conferido o grau de doutor. Poucos meses depois, era acusada de plágio – um e-mail com o seu trabalho e o suposto original circulou por correio eletrónico a demonstrar as semelhanças. O caso foi denunciado à Inspeção-Geral do Ensino Superior e ao Ministério Público.

Em dezembro de 2010, chegou a sentença inicial do processo – e a Universidade do Minho foi a primeira do País a anular um grau de doutor, já concedido, por causa de um plágio. Cláudia Viana, 45 anos, pró-reitora da Universidade ►

55,2%

A cifra dos que admitem olhar para as respostas do colega do lado supera a dos que dizem usar cábulas – 46,2 por cento.

Fonte: Integridade Académica em Portugal, de Aurora Teixeira

42,1%

Alunos que apresentaram um trabalho sem as referências bibliográficas em que se apoiaram.

Fonte: Integridade Académica em Portugal, de Aurora Teixeira

Numa firma ‘especializada’, teses de mestrado e de doutoramento custam entre €2 mil e €5 mil

► do Minho, nomeada responsável pelo acompanhamento do caso, não se alonga em justificações. Insiste, por sinal, em que a situação é única e excecional: «Não houve qualquer alteração de procedimentos por causa disso.»

CASOS DE JUSTIÇA

Além de ter o título cassado, o processo daquela autora da tese plagiada corre agora outros trâmites. Poderá ser acusada de crime e punida com pena de prisão até três anos. Segundo a Procuradoria-Geral da República, há, até ao momento, três casos denunciados: o da Universidade do Minho, que foi remetido aos Juízos Criminais da capital, um outro comunicado pela Faculdade de Medicina de Lisboa, que acabou arquivado, e um terceiro, respeitante à Universidade de Coimbra, que transitou para o Supremo Tribunal de Justiça e o Conselho Superior de Magistratura.

Perto do final do último ano letivo, em junho, estalou outra situação. A suspeita recai, aqui, sobre o vice-reitor da Universidade de Évora, e a denúncia alega irregularidades em referências bibliográficas. A acusação relaciona-se com a prova de agregação que José Manuel Caetano prestou, e foi aprovada por unanimidade pelo júri. O processo de averiguações está a cargo da Inspeção-Geral do Ensino Superior, num procedimento iniciado ainda no tempo do ministro Mariano Gago.

Não há caso como o que aconteceu a Manuel Costa Andrade, 66 anos, penalista, professor da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra e membro do Conselho Superior de Magistratura – apesar de não ter feito a denúncia quando, como júri de avaliação, apanhou uma aluna em flagrante. «Reconheci páginas inteiras mal li a tese», conta. «Tinham sido escritas por mim.»

Se os plágios fossem apenas feitos por estudantes, o mais provável era detetarem-se muito mais casos. Aceda-se a ucuckoo.com e percebe-se que se trata de um portal onde é possível comprar e vender trabalhos académicos para usufruto de terceiros – e que se apresenta como «a segunda vida das sebatas do estudante». Mas, ali, tanto há apontamentos de aulas como investigações completas já apresentadas. Promete-se 60% do valor de venda ao autor. E, no próprio site, estão as ferramentas para publicar os trabalhos.

CAÇADORES ‘HI TEC’

As preocupações atravessam todas as universidades. Sidónio Serpa, 58 anos, professor da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa, diz que se trata, até, de uma questão de cultura nacional. Com contornos (im)previsíveis: quando um aluno conse- ►



Rui Matos

Docente

‘Professores queixam-se de que está instituído o copy/paste’

Análise crua de um responsável do Instituto Politécnico de Leiria (IPL), que até já promoveu uma aula aberta sobre direitos de autor

Qual é a dimensão dos plágios no IPL?

Não posso dar uma resposta exata. Mas é comum os professores queixarem-se de que os alunos não sabem investigar e que está instituído o *copy/paste*.

Porque foi dada uma aula sobre *copyright*?

Sobretudo por considerarmos que muitos alunos não têm a noção de que o plágio é crime. Confrange ver que, muitas vezes, nem o português do Brasil é alterado.

Que casos já foram detetados no IPL e qual a sua resolução?

Diversos casos de cópias mais ou menos integrais de artigos da net. As soluções dependem muito da importância que os professores dão ao assunto e das regras que estabeleceram. Muitos alunos chegam do Secundário com a noção de que fazer *copy/paste* não tem mal e que podem entregar assim o trabalho, sem citar fontes, apresentando as ideias de outros como suas. É fundamental que, desde cedo, se ensine os estudantes a fazer trabalhos sem plagiar.



► gue copiar e não ser apanhado, conquista, inclusive, prestígio entre colegas. Os professores, esses, é que se veem à nora. «É praticamente impossível detetar todas as fraudes, com tanta fonte de informação», assume Sidónio Serpa.

Ironia das ironias, é com a ajuda de *software* informático que universidades nacionais começam a combater a fraude. Veja-se o caso da Universidade da Madeira. O sistema de deteção de plágios foi introduzido com a entrada em funcionamento do Gabinete de Apoio ao Estudante, em 10 de julho de 2009, indo assim ao encontro do que já acontece na maioria das academias europeias. Todos os trabalhos, com exceção das dissertações e teses, passaram a ser entregues em formato eletrónico naquele gabinete, que procede à verificação da respetiva originalidade. Após

validação pelo *software*, o trabalho é entregue ao professor, para correção. Se, porventura, forem detetados excertos plagiados, cabe ao professor a decisão de aceitar o trabalho, ou desclassificar o aluno, fundamentando a sua opção. Em qualquer das situações, o estudante pode ainda recorrer para o diretor de curso.

E na net há mais aliados: falamos de programas como o sueco Urkund, o francês Compilatio ou o americano Turnitin, que garantem conseguir fazer os prevaricadores corarem de vergonha. O mais recente, também americano, chama-se Plagium, e, a partir de um texto inserido pelo utilizador, faz buscas, identificando as fontes de onde saíram as partes sob averiguação e produzindo, até, gráficos com os plágios detetados. O melhor? É grátis e não exige registo.

‘Foi dramático: houve um copianço geral, todos tiveram zero, confrontei-os e... ninguém negou’

Isabel Capeloa Gil, professora universitária

TESES 'À LA CARTE'

A par da guerra entre plagiadores e detetores de plágios, sobrevive um outro mundo, o das empresas ditas de «apoio académico». Faça-se o teste: escreve-se «teses» no Google e a primeira resposta é «Teses – Precisa de ajuda? Não tem tempo? Contacte-nos já! Nós ajudamos.» O site promete todo o tipo de apoio: investigação para trabalhos académicos, construção de índices e sumários; formação de tabelas e gráficos, e, até, organização da bibliografia. Se entrarmos antes em trabalhos-academicos.com, encontramos uma oferta de serviços semelhante. «Por inúmeros fatores», justifica-se ali, «os estudantes universitários nem sempre conseguem conciliar os prazos dados pelos docentes para a entrega de trabalhos académicos».

1 600

Doutoramentos contabilizados em 2009. Em 1990, foram menos de 400. Ou seja, triplicaram, em duas décadas.

► Este era um universo completamente desconhecido para Ana F. quando, há três anos, recebeu a habitual *newsletter* de ofertas de emprego da faculdade onde estava a terminar o curso. «Lembro-me de ter enviado uma ou duas candidaturas, mas apenas obtive uma resposta», recorda a rapariga, de 29 anos, licenciada em Psicologia Forense pela Universidade Lusófona. «Na entrevista, a responsável explicou-me que ali se fazia investigação e revisão de trabalhos. Pensei que se tratava de uma empresa de consultoria.» Logo nos primeiros dias, porém, Ana perdeu a esperança de ter encontrado um emprego promissor: «Percebi, de imediato, que estava a elaborar uma tese de mestrado, do princípio ao fim, e não um estudo prévio, como me tinham dito. Ao longo daquele mês, vi serem feitas as mais diversas monografias e teses de mestrado e doutoramento. Custavam entre 2 mil e 5 mil euros e havia gente a ir levá-las no próprio dia da apresentação do trabalho!»

Ana conta, ainda, que trabalhava de segunda a sábado, oito horas por dia, e que,

Reconheci páginas inteiras mal li aquela tese. Tinham sido escritas por mim'

Costa Andrade, penalista



nos primeiros tempos, não pôde fazer pausas, exceto para almoçar. Também nunca lhe disseram quanto iria receber: no fim do mês, pediram-lhe que passasse um recibo verde de 400 euros. «Nunca mais lá pus os pés.»

A psicóloga, que deixou a denúncia no

blogue dos Precários Inflexíveis, não se inibiu de escrever o nome da empresa em causa: Quickwords. Em busca do respetivo site, verificámos que já não estava disponível. Mas num primeiro andar de um prédio da Venda Nova, na Amadora, a mesma responsável de que Ana fala recebeu-nos. Dissimulámo-nos sob a capa de alguém que pretendia acabar rapidamente, e sem trabalho, uma tese de mestrado. A ajuda foi logo disponibilizada – no que quiséssemos.

Deslocámo-nos lá a uma terça-feira, ao início da tarde. Subimos as escadas daquele prédio de dois andares e M. estava à nossa espera, à porta. Fomos para uma sala com duas secretárias, uma estante e meia dúzia de livros. O nosso estudo de caso versava a Psicologia da Educação e pretendia responder a uma questão: «Como é que os alunos do Ensino Básico veem o professor?»

A conversa decorreu sem muitas perguntas. Num bloco de notas, apontámos os requisitos: o guião e a bibliografia. Depois, ainda trocámos vários e-mails. M. pediu-nos, também, que lhe levássemos os livros e os registos áudio das entrevistas aos alunos. O trabalho nunca chegou a avançar – mas o *modus operandi* ficou claro: o cliente recolhe toda a informação e M. escreve-a. Simples. ▣

Escândalos Copianço na alta-roda

Como dois promissores políticos – alemães, no caso – viram a sua carreira destruída, após serem apanhados em plágios académicos



Adeus, Guttenberg

Karl-Theodor zu Guttenberg, 39 anos, então ministro alemão da Defesa e considerado o delfim de Angela Merkel, foi acusado, em fevereiro último, de ter cometido plágio, na sua tese de doutoramento. Acabou por pedir a demissão do Governo – depois de resistir, o mais que pôde, ao fogo político, mediático e académico. Esfumou-se, para o jovial, distinto e aristocrata Guttenberg, o futuro de estadista que muitos lhe auguravam. E até se conformou com a retirada do título de doutor em Direito, pela Universidade de Bayreuth.



Doutora por um canudo

Foi vice-presidente do Parlamento Europeu, onde chegou eleita pelo Partido Liberal Alemão, mas acabou por pedir a demissão e perder o título de doutora em Economia. Silvana Koch-Mehrin, de 40 anos, foi acusada de plagiar a tese de doutoramento que, em 1999, apresentou na universidade alemã de Heidelberg. Tudo começou após um site germânico ter encontrado e publicitado provas de cópia integral em 25% das 201 páginas da sua tese. O trabalho de Koch-Mehrin foi, em seguida, reexaminado – e, em junho passado, aquela universidade anunciava que lhe retirara o título.